

SPARTAKUS

Ano III - nº 2 - 2006

UMA CRÍTICA AO CAPITAL

A GUERRA COMO PRODUÇÃO DE LUCRO

O capitalismo utiliza-se de todo e qualquer meio para se expandir, mesmo que os meios necessários para sua reprodução sejam a destruição e assassinato. O objetivo é o domínio universal mesmo que signifique o risco da existência biológica.

No século XX e nos primeiros anos do século XXI a GUERRA tem se constituído condição necessária, “natural” para a garantia do lucro. Através da GUERRA o capital torna-se hegemônico.

Atualmente o grande “negócio” é o investimento dos gastos públicos em gastos armamentícios. Não tendo mais como adquirir grandes lucros da extração das horas não pagas do trabalhador via a produção direta industrial, a GUERRA passa a ser a grande fonte, a principal motivação para o lucro.

Para justificar a GUERRA, o direito da violência, não tendo mais como motivo “a guerra fria”, contra o socialismo, o “terrorismo” passou a ser o excelente motivo, o “motor contínuo” da ação bárbara, da ação militar. Em nome do “Bem” da “Defesa Nacional” o Estado militarista justifica a aplicação de grandes gastos públicos para investimentos da “segurança nacional”.

A mídia comprometida tornou-se o grande veículo de garantia para o convencimento de “atos bárbaros” contra a humanidade.

O 11 de Setembro de 2001 foi o grande passo para o empurrão do “ciclo de guerras” que vêm ocorrendo. O novo “inimigo” intitulado o “MAL” também denominado de fundamentalismo, muçulmanos, árabes, ou se quisermos especificar: iraquiano, palestino, libanês, iraniano tornaram-se o foco do ódio do BEM. O objetivo passou a ser a imposição ideológica da existência de um “MAL” (localizado no Médio Oriente), sendo os meios de comunicações, os responsáveis para tal imposição no cotidiano do mundo ocidental. Basta observar a série de filmes infantis e o uso corriqueiro que se passou a ser usado “ser do BEM” e “ser do MAL”, cotidianamente muitas pessoas passaram a utilizar no seu vocabulário, a grande maioria sem perceber, a idéia da existência de um BEM e de um MAL.

A partir do reconhecimento de um “MAL” todo ato pela defesa e permanência do “BEM” é justificado como natural. Matar pessoas significou uma “QUALIDADE” necessária do “BEM”. É preciso exterminar o “MAL”.

Desta forma, todos aqueles que denunciam atos criminosos contra os povos: muçulmano, árabes: os iraquianos, palestinos, libaneses, sim libaneses, (agora o ódio deve ser concentrado no Líbano, atual vítima da insana ação de Israel em parceria com o governo Bush), passaram a serem considerados incentivadores da violência. No mínimo passou a ser temeroso tomar posição a favor do imposto como “MAL”.



Crianças de Israel escrevem mensagens sobre munições de artilharia pesada em Kiryat Shmona, próximo à fronteira libanesa. Munições que irão assassinar outras crianças, do lado de lá da fronteira.

EDITORIAL

SPARTAKUS tem como significado a crítica radical contra o capital. Representa vozes que conclamam para a formação cada vez mais forte dos que permanecem crédulos da necessidade do rompimento do poder dominante, que controla a produção e que de forma mais violenta possível destrói todas as formas de representação humana produzindo miséria, guerra, destruição. SPARTAKUS tem como propósito se contrapor ao caráter em que se reveste a mercadoria submetendo todas as relações entre os homens em relações mercantis, onde os valores de usos se transformam em meios, mercadorias. Transformando todas as manifestações vitais da sociedade, das necessidades como manifestações da própria imagem da mercadoria, como se fossem regidas por leis naturais e universais independentes das vontades das mulheres e dos homens. SPARTAKUS tem como objetivo a denúncia contínua e radical contra os efeitos destruidores do caráter desumanizado e desumanizante da relação mercantil.

NESTA EDIÇÃO: *Deputado britânico Galloway: “Mas isso é disparato!” - pág. 2*
É tempo de “guerra”, viva o “bem” morra o “mal” – pág. 2
Como entender a trajetória que conduziu a invasão e ocupação do Líbano - pág. 3
O suposto complot de Londres e o terrorismo de Estado - pág. 4
Quando são os próprios generais de guerra que denunciam - pág. 4

"Mas isso é disparatado!"

Jornalista: O homem que temos hoje conosco não tem por hábito guardar as suas opiniões para si próprio. Opôs-se com determinação à invasão do Iraque e actualmente defende que o ataque do Hezbollah contra Israel se justifica; o deputado do Respect (partido político) de Bethnal Green (Londres) está conosco no nosso estúdio no centro de Londres. Boa noite... ou aliás, bom dia Sr. Galloway. Como é que justifica o seu apoio ao Hezbollah e ao seu líder, Cheikh Hassan Nasrallah?

Deputado Galloway: Que disparate! Que absurdo! Que maneira tão estúpida de expor o assunto e que pergunta tão falsa e idiota! Há 24 anos, no dia do nascimento da minha filha (...) corria eu para o hospital (para a ver nascer) por entre uma enorme manifestação em Londres contra a invasão e a ocupação israelense do Líbano. Israel invadiu e ocupou o Líbano durante toda a vida da minha filha de 24 anos. O Hezbollah faz parte da resistência nacional do Líbano e tenta expulsar – tendo afastado com sucesso a maioria dos israelenses das suas terras em 2000 – Israel do resto das suas terras e resgatar milhares de prisioneiros libaneses que foram sequestrados por Israel nos termos da sua ocupação ilegal do Líbano. É Israel que ocupa o Líbano, é Israel que ataca o Líbano, não é o Líbano que ataca Israel.

Jornalista: Posso questioná-lo sobre uma reportagem que saiu no Sunday Telegraph em que se afirma que o Irã deu ao Hezbollah mísseis de longo alcance capazes de atingir qualquer parte de Israel? O Irã, que segundo esse deputado iraniano, ajudou a fundar o Hezbollah... Acha que pode culpar Israel por querer destruir esses mísseis?

Deputado Galloway: Mas é incrível! Isso é completamente absurdo! Os Estados Unidos deram a Israel mísseis que podem atingir, não apenas qualquer cidade do Líbano, mas sim qualquer cidade em todo o mundo árabe incluindo o Irã. Por que razão terão os Estados Unidos direito de dar mísseis de longo alcance, incluindo centenas de cabeças



nucleares, a Israel, e o Irã não pode ser autorizado a fornecer mísseis?

Jornalista: ...Não acha que é um fracasso, dado que o Hezbollah foi criado para retirar os soldados israelenses do território libanês, que agora ele tenha mais soldados israelenses no território libanês do que há vinte dias atrás?

Deputado Galloway: ... A verdade é que este conflito se vai perpetuar. As resoluções das Nações Unidas não regulamentam nada. Não dão nada ao Líbano, não dão nada aos prisioneiros das masmorras israelenses, e como um dos meus pares já chamou a atenção, Israel acaba de capturar ainda mais personalidades políticas palestinianas:

ministros, deputados e milhares de outros continuam retidos nos calabouços israelenses, e esta guerra vai continuar até que se chegue a um acordo, e esse acordo significa a retirada de Israel de todos os territórios usurpados que ele ocupa actualmente desde a guerra de 1967, a libertação de todos os prisioneiros políticos, bem como um Estado palestiniano tendo por capital Jerusalém

A Guerra é resultado do interesse do capital e não de uma suposta maldade "intrínseca da natureza humana", como quer passar toda literatura ideológica. As verdadeiras razões são mascaradas pelo interesse do capital que em seus momentos de crise recorre à Guerra como instância para continuar impondo o seu processo de A Guerra expansão, através da subjugação e pilhagem das nações dependentes.

Jornalista: Como de costume, o Sr. Galloway provocou uma enorme reacção via e-mail, tanto a favor como contra si. Vamos acabar por aqui, mas devo dizer-lhe que muitas pessoas acharam as suas declarações chocantes, pois

encontram-se ainda a enterrar os seus mortos, ouviram-no dizer que isto era uma boa fustigação sagrada.

Deputado Galloway: Vocês estão-se nas tintas! Vocês querem lá saber disso! Vocês não sabem nada das famílias palestinianas. Vocês nem sequer sabem que elas existem! Dê-me um único nome de um único membro daquela família de sete pessoas que foram massacradas na praia de Gaza por um navio de guerra israelense! Vocês nem os nomes delas sabem, mas sabem perfeitamente todos os nomes de cada soldado israelense que foi feito prisioneiro durante este conflito, porque acreditam, consciente ou inconscientemente, que o sangue israelense é mais importante do que o sangue dos libaneses ou dos palestinianos. É essa a verdade, mas o discernimento dos vossos telespectadores já o sabe.

É TEMPO DE "GUERRA" VIVA O "BEM" MORRA O "MAL".

Aprendemos com os "velhos" filmes de cowboy que o mocinho devia matar o bandido, era tão emocionante no final do filme, vemos o grande herói mocinho matar o MAL : "PUM!" "PUM!"

Não, agora não se deve utilizar o revólver, é preciso fazer uso da nova tecnologia, bombas químicas certas que possam exterminar de vez dezenas, centenas, milhares do "MAL". Em nome do "BEM" que não deve ser visto como "MAL" pode ser alterada até a geografia. Assim Israel é que passou a ser atacada pelos libaneses, quando a guerra está ocorrendo dentro da nação libanesa. Nação há mais de duas décadas já invadida e ocupada por Israel sob o apoio dos governos norte-americanos e sob o silêncio camuflado da ONU. Mas, afinal, não se trata do povo, nem da nação libanesa, mas do inimigo Hezbollah. Enquanto não há reacção, mas consentimento da ocupação do território palestino, da ocupação da faixa de GAZA, da permanência do "BEM", que não é muçulmano, árabes: os iraquianos, palestinianos, libaneses, está tudo perfeito. Mas quando se trata da defesa do "MAL", ou seja, dos muçulmanos, árabes: os iraquianos, palestinianos, libaneses, o "BEM" tudo pode cometer: É TEMPO DE "GUERRA" VIVA O "BEM", MORRA O "MAL".

COMO ENTENDER A TRAJETÓRIA QUE CONDUZIU A INVASÃO E OCUPAÇÃO DO LÍBANO¹

A chamada grande revolução dos meios de comunicações se de um lado constitui um grande avanço na denúncia de todo e qualquer ato contra a justiça social, por outro é preciso não esquecer que quem tem o controle dos meios de comunicações é o capital.

Fazer uma Guerra nos tempos atuais passa inicialmente pela utilização precisa do controle dos meios de comunicações. Primeiro passo é o de: *Convencer a população mundial que a Guerra é necessária, portanto justificada por uma causa que universalmente é considerada como justa.*

Tal proeza não foi diferente para a Guerra israelense-americana contra a Palestina e o Líbano.

o *Al-Manar*, único canal de televisão da Resistência à ocupação do Sul do Líbano, do Golan sírio e da Palestina, e de divulgação na França, foi proibido com o motivo de estar divulgando propaganda anti-semita. Através da influência das Forças Armadas israelenses na França e no mundo.

Al-Manar foi criado pelo Hezbollah em 1991 e era difundido por satélite desde 2002, com a função de divulgar a ocupação militar de Israel. A aceitação de *Al-Manar* na Europa sempre foi inaceitável por Israel.

Neste sentido conjuntamente com os EUA, ou sejam "o Middle East & Research Institute (MEMRI) lança então uma campanha internacional de interdição do *Al-Manar*. O MEMRI é um poderoso lobby, sediado em Washington, que se apresenta como uma iniciativa civil. Mas, na verdade, ele foi fundado em 1998 pelos oficiais de informação das Forças Armadas israelenses, Yotam e Aluma Solnick, sob o comando do coronel Yigal Carmon, e está integrado numa rede de associações neoconservadoras nos Estados

Unidos". Justificando crime anti-semita Israel e os EUA conseguem *Manar* nos bancos norte-americanos.

Em 12 de julho de 2006 o primeiro ministro francês Jean-Pierre Raffarin, em janeiro de 2004 declarou a "lei de exceção" para permitir o fechamento de *Al-Manar*.

Novas disposições são adotadas na lei dos serviços audiovisuais, na França, e em 10 de Julho de 2004 é interditado o Jornal *Al-Manar* sob o pretexto da "determinação da israelense bombardeia os estúdios do *Al-Manar* em Beirute. E em 22 de Julho, as forças israelenses

reconhecido como libanês pela comunidade internacional, mas ocupado por Israel. Em 14 de Julho, a aviação israelense bombardeia os estúdios do *Al-Manar* em Beirute. E em 22 de Julho, as forças israelenses bombardeiam todas as estações de difusão de todos os canais da Líbia.

Restando como meio de expressão e divulgação o sítio da internet, apelado à França pelo direito da liberdade de expressão, em nome do mesmo direito de expressão, da liberdade e do pluralismo foi vetado o direito de expressão do povo libanês, do povo árabe.

Embora o Conselho Nacional do Audiovisual libanês conjuntamente a classe política libanesa tenham e através de servidor na Índia, que logo foi desconectado pelo medo do mesmo direito de expressão, da liberdade e do pluralismo foi comprometido o contrato nuclear com os Estados Unidos.

Para contar a Guerra do Líbano

restaram apenas os meios de comunicações que se denominam "plurais" e que defendem a voz do povo árabe são viabilizadas, especificamente contra Hezbollah, "liberdade de expressão", em nome da luta contra o "terrorismo".

A Intelsat e a Globecast deixam



de difundir o canal *Al-Manar* na América do Norte. Em Julho de 2005, é retirado, na Espanha, o sinal do *Al-Manar* do satélite público Hispasat dirigido à América Latina. Depois, o Centro Simon Wiesenthal intervém junto do governo francês para que a Globast corte o seu sinal dirigido à Ásia. Em Março de 2006, o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos congela os capitais

semitas.

Como afirma Mike Whitney: "Agora que o flanco norte de Israel foi "pacificado" Olmert pode voltar seus olhos para leste, em direção a Damasco onde o Bashar Al-Assad terá de ser derrubado a fim de assegurar caminhos para oleodutos do norte do Iraque até Haifa. Deste modo Israel tornar-se-á um grande jogador nas guerras por recursos deste século e um líder na região". Mas não haverá problemas, "a cidade será reconstruída com empréstimos do Banco Mundial e do FMI e o trabalho será contratado pela Halliburton e pela Bechtel. Já vimos tudo isto antes; a destruição absoluta de uma sociedade de modo a que possa ser colocada nas mãos dos empreiteiros globais. O Líbano não será exceção".

Nós, cineastas israelenses, saudamos todos os cineastas árabes reunidos em Paris para participar da BIENAL DO CINEMA ÁRABE. Por intermédio de vocês, queremos enviar uma mensagem de amizade e solidariedade aos nossos colegas Libaneses e Palestinos que estão atualmente açoitados e sendo bombardeados pelo exército de nosso país. Nós somos categoricamente contra a brutalidade e a crueldade da política israelense, intensificadas ao máximo nas últimas semanas. Nada pode justificar a continuidade da ocupação militar, do cerco e da repressão na Palestina. Nada pode justicar o bombardeio de populações civis e a destruição das infraestruturas no Líbano e na Faixa de Gaza. CARTA AOS CINEASTAS PALESTINOS E LIBANESES Na ocasião da abertura da Bienal do Cinema Árabe em Paris (22 de julho de 2006).

O SUPOSTO COMPLO DE LONDRES E O TERRORISMO DE ESTADO²

Em Londres as autoridades prenderam 24 pessoas, — além de eliminar os fundos para os programas de acusando-as de tramar um suposto atentado que educação dos pobres e suprimir o treinamento profissio- derrubaria dez aviões de transporte de passageiros em nal de milhares de novos professores. Um verdadeiro ca- pleno voo no meio do Atlântico. Segundo os agentes tálogo de medidas draconianas empregadas pelo totalita- britânicos, as agressões seriam perpetradas mediante rismo nazi fascista, monstruosidades que justificou com líquidos de aparência inofensiva: pasta de dentes, o fantasma da chantagem terrorista.

desodorantes, águas de colônia. As raízes da Conspiração foram rasteadas, hipoteticamente, até o Paquistão e a rede Al Qaeda.

De imediato foi paralisado o aeroporto de Heathrow e milhares de pessoas aglomeraram-se na confusão e no desconcerto nos salões daquele terminal aéreo, impedidos de prosseguir suas rotas. Deram-se instruções de proibir o embarque com bagagens de mão. As estações de televisão do mundo ocidental converteram-se num vespeiro de correspondentes excitados, locutores nervosos, mesas redondas e painéis que incitavam, com ambiguidades e tergiversações, ao ódio contra o Islão. As primeiras páginas dos jornais foram invadidas por um alarme nervoso que estimulava o pavor e pressionava pela adoção de medidas extremas.

O primeiro beneficiado com esta emergência é o governo Bush, que sempre insistiu no suposto perigo do terrorismo a fim de reforçar sua política agressiva no Médio Oriente... Esse "perigo terrorista" é o que serviu para Bush implantar o Patriot Act, com o qual violou os direitos constitucionais e as liberdades civis, ampliando as possibilidades de rusgas ilegais, supervisão telefônica, prisão sem habeas corpus, julgamentos militares por delitos civis, investigações de expedientes bancários, médicos, psiquiátricos e estudantis, gravações telefônicas, pesquisas pela Internet e encarceramento por suspeitas

de terrorismo de estado.

o imaginário complot de Londres provocou no ocidente um nível de reprovação que não é o mesmo daquele atingido pela barbárie israelense. Ou seja, dá-se a entender que o terrorismo de estado não é preocupante nem merece ser sancionado. De acordo com o código de valores com que nos anestesia a imprensa ocidental, as ações de resistência individual são dignas de recusa mas não o terrorismo de estado.

o terrorismo de estado.



Em nome da defesa nacional o Congresso americano vem aprovando todos os projetos de gastos armamentistas e de desenvolvimento de pesquisas e industrialização de armas nucleares, ao mesmo tempo, que estas armas nucleares matam ou irão matar aqueles que são acusados de desenvolverem armas nucleares em seus territórios, como

o Iraque e o Irã. Mesmo que as vítimas sejam do seu próprio país. Israelenses e americanos também são mortos, na sua grande totalidade, os desempregados que aceitam salários para matar e ser morto.

O atual nível de atrocidades, de seqüentes guerras tem sido tão intenso que neste mês, Generais americanos passaram a criticar o Governo Bush de incentivar a Guerra e a toda força querer invadir e ocupar o Irã.

Segundo os generais: "a invasão do Iraque pela administração Bush é pelo menos parcialmente responsável pela iniciativa do Irã de desenvolver um programa nuclear. Quando você anuncia um eixo do mal de três países e invade um deles e a seguir diz que o Irã deveria ver isso como uma lição, parece que isso pode

dar-lhes um incentivo para fazer precisamente o que eles não querem fazer: desenvolver um programa nuclear", afirmou o general americano, Guard.

O mesmo se passa em relação à Coreia do Norte, acrescenta o general Morton Halperin, ex-diretor do Departamento de Estado. "Os norte coreanos querem conversar conosco diretamente. Sua preocupação é obter garantias de segurança da nossa parte e obter reconhecimento diplomático. Não deveríamos ter medo de conversar com os nossos oponentes". Esta notícia está em www.informationclearinghouse.info.

Talvez, muitos desses Generais não saibam que Bush não age sozinho, ele e sua família, assim como grandes empresas israelense são os grandes lucradores das GUERRAS.

¹Da censura aos bombardeamentos, Al-Manar: como Israel estrangulou a voz da Resistência libanesa, de Thierry Meyssan.

²O suposto complot de Londres e o terrorismo de estado que não recebe sanções, Lisandro Otero.